

MÃES USUÁRIAS DE CRECHE: HISTÓRIAS DE VIDA E PERSPECTIVAS PARA O FUTURO¹

Lúcia Vaz de Campos Moreira²
Giancarlo Petrini³
Alessandra Pellegrino Negrão⁴

Resumo: *O presente estudo aborda o processo de inserção social elegendo como foco mães em condição de pobreza de bairro periférico de Salvador. Visa a investigar em que circunstâncias as pessoas que vivem em situação de pobreza, especialmente as mães que têm filhos em creche, podem ultrapassar tais condições. Interessa estudar a tensão entre a elaboração de projetos de vida e de estratégias de sobrevivência. Metodologia: estudo descritivo-exploratório que utilizou estratégias combinadas de abordagens qualitativa e quantitativa. Local: instituição de educação infantil do Subúrbio Ferroviário de Salvador. Participantes: 20% das mães de crianças que freqüentam uma instituição de educação infantil (Novos Alagados), totalizando 23 mães. Foi abordada ainda a diretora da instituição. Para o presente artigo serão apresentados mais detalhadamente os resultados de duas mães: uma que apresenta projeto de vida e outra de estratégia de sobrevivência. Instrumentos e técnicas de coleta de dados: roteiro de entrevista para as mães e roteiro de entrevista para a direção, ambos elaborados pelos pesquisadores. Procedimentos: revisão da literatura sobre pobreza moderna e família; elaboração de categorias de análise e de roteiros de pesquisa; submissão e aprovação do projeto em comitê de ética; realização de estudo piloto; sorteio de 20% das crianças matriculadas, sendo suas respectivas mães convidadas a participarem do estudo; convite e assinatura do termo de consentimento; realização de entrevistas semi-estruturadas e gravadas; entrevistas com direção da instituição; transcrição das entrevistas e análise quantitativo-interpretativa. Resultados parciais: as participantes tiveram uma infância com dificuldades econômicas importantes, com a figura paterna ausente. É comum a queixa de terem ficado sós ou apenas na companhia dos irmãos durante a infância, pois as mães saíam para trabalhar e por vezes não tinham com quem deixar os filhos (por exemplo, creches). A participante com estratégia de sobrevivência não encontrou muito suporte na própria mãe e também não encontrou alguém que desempenhasse o papel dela (avós, tias, madrinhas), revelando um certo ressentimento ou mesmo tristeza. Como perspectivas para o futuro, a melhora na moradia parece já ter sido alcançada devido às intervenções locais de origens governamentais e não-governamentais. Porém, almejam ter um nível de escolaridade maior visando atingir melhores condições de trabalho. Desejam que os filhos estudem e tenham uma profissão. Apoio FAPESB.*

Palavras-chave: Família; Educação de filhos; Pais e filhos; Pobreza.

INTRODUÇÃO

É difícil pensar uma ação eficaz sobre as condições de pobreza sem que o Estado adote uma política econômica adequada, com políticas públicas e mecanismos de redistribuição de renda que favoreça, no Brasil, o investimento produtivo e, através de diversos incentivos,

¹ A presente pesquisa é parte do projeto “Combate à pobreza e às desigualdades sociais – rotas de inclusão”.

² Doutora em Psicologia (USP). Professora do Mestrado em Família na Sociedade Contemporânea. E-mail: luciavcm@ucsal.br

³ Doutor em Ciências Sociais (PUC-SP). Coordenador do Mestrado em Família na Sociedade Contemporânea.

⁴ Bolsista de iniciação científica FAPESB. Graduanda em História pela UCSal. Atua no projeto “Combate à pobreza e às desigualdades sociais – rotas de inclusão”.

promova a criação de novas vagas de trabalho. Ao mesmo tempo, é necessário que os pobres se envolvam de fato com os dinamismos positivos da economia, para serem integrados ao mercado de trabalho e se beneficiem das circunstâncias favoráveis.

Para que o encontro entre os dinamismos macroeconômicos e as decisões pessoais aconteça, podem ser decisivos o ambiente da família e a participação de associações que acompanhem e estimulem as pessoas que vivem em condição de pobreza a disporem da qualificação adequada e da motivação para a inserção. Políticas públicas nacionais ou regionais podem reforçar a iniciativa das famílias e das associações para estarem ativamente presentes nesse processo.

O presente estudo focalizou as esferas de intermediação entre as iniciativas macroeconômicas e as decisões individuais, procurando identificar os fatores que facilitam tal encontro. Visa a investigar em que circunstâncias as pessoas que vivem em situação de pobreza, especialmente as mães que têm filhos em creche, podem ultrapassar tais condições.

O estudo utilizou categorias que possibilitaram identificar o predomínio de *estratégias de sobrevivência* ou de *projetos de vida* presentes em mães de baixa renda.

Tais categorias são analíticas, abordando dimensões subjetivas e experienciais. Cada uma apresenta a continuidade de pólos, sendo um deles o de respostas que apontam para a presença de um projeto de vida e o outro de respostas que indicam estratégias de sobrevivência.

Tais categorias são descritas a seguir.

a) *Capital humano*

Capital humano é um conceito já presente na obra de Adam Smith (1948) e em Alfred Marshall (1953). Mas as teorias sobre o capital humano se desenvolveram no século XX, através da contribuição de economistas como Theodore W. Schultz (1961), Gary S. Becker (1962, 1975) e Jacob Mincer (1993). Nos últimos anos, o tema do capital humano é particularmente vivo na UUEE.

O capital humano é constituído pelo conjunto de conhecimentos e pelas competências que a pessoa vai adquirindo ao longo de sua vida, quer na convivência familiar, quer na educação formal, quer por outros meios, que favorecem sua inserção qualificada no mercado de trabalho. Foram elaborados métodos sofisticados para medir, isto é, quantificar o capital humano de uma pessoa, para compreender o impacto no desenvolvimento econômico a nível macro, bem como para explicar a variabilidade dos salários e o diferente sucesso no mundo do trabalho. “O problema crucial de uma economia e de uma sociedade é o incremento deste fator que não pode ser reconduzido a recursos materiais disponíveis e nem à reorganização dos recursos existentes, antes consiste na capacidade de incrementar a genialidade criativa do homem” (VITTADINI, 2004, p. 11). No mesmo texto, de introdução ao livro organizado por Vittadini, explica-se que o capital humano de uma pessoa não pode ser reduzido a um incremento de sua capacidade de trabalho, mensurável em termos de aumento da renda e de riqueza. Trata-se, antes de tudo, do desejo de verdade, de beleza, de justiça, permeado por concepções ideais que tenham a pessoa no centro.

Grande parte dos estudos foi dedicada às relações entre educação e capital humano, procurando compreender como se gera capital humano através do sistema de instrução. O capital humano é o motor do desenvolvimento, não somente no sentido do incremento da produtividade, mas como fator de integração e de superação das desigualdades econômicas e sociais.

Estudos sobre capital humano geralmente se dedicam a investigar o custo para formar ou incrementar um capital humano capaz de produzir inovações científicas e técnicas, capacidades de gerenciar empresas, em busca de estar na disputa de mercado com chances de aumentar lucros e ser bem sucedidos diante da concorrência. Estuda-se, também, a possibilidade de medir o capital humano e o seu custo para oferecer uma remuneração adequada. Por outro lado, interessa

a outros investigadores, compreender quais os fatores que efetivamente incrementam o capital humano. Nesse sentido, apesar de entender-se que o crescimento do capital humano não depende exclusivamente da educação formal, mas de diversos fatores externos (famílias, circunstâncias, encontros, etc.), muitos estudos investigam os nexos entre capital humano e educação. Foram realizados estudos estatísticos que avaliam a percentual de aumento nos ganhos mensais de um trabalhador por cada ano a mais de estudo, depois do ciclo primário. Também foi descoberta uma correlação entre patamares de conhecimentos de matemática e níveis salariais. Estas tendências se fortaleceram com a evidência de que a riqueza das nações não depende de recursos naturais ou do trabalho em atividades primárias, mas da formação de pessoas de grande qualificação, capazes de inovar, incrementar a produção e os lucros. Dessa maneira, em geral, a expressão “capital humano” está associada a estudos que formam intelectuais capacitados para inovar e produzir ou administrar altas tecnologias. No caso de nossa pesquisa, isso tem um escasso interesse. Mas a categoria é de suma importância e pode ser re-definida, adaptando-a às nossas necessidades.

Nesse sentido podemos compreender como “capital humano” o conjunto de conhecimentos e de competências, adquiridos ao longo da vida, na educação formal e em outros ambientes, que permitem a uma pessoa superar adversidades (resiliência), superar circunstâncias que muitas vezes estão na origem de estratégias de sobrevivência (auto-abandono, alcoolismo, delinquência e outras formas de renúncia a perseguir um ideal de vida positivo para si e para a família, um ideal capaz de proporcionar integração social) para assumir a elaboração de um projeto de vida.

Mas é necessário investigar as relações familiares, as brincadeiras, a participação em grupos mais ou menos organizados (canto, dança, pesca, etc.); as relações com colegas da mesma idade, as relações com adultos, na tentativa de identificar fatores que jogam a favor das estratégias de sobrevivência e fatores a favor do projeto de vida.

b) Capital social

O conceito de capital social vem sendo há muito tempo discutido por cientistas sociais nas mais diversas áreas. Os sociólogos Pierre Bourdieu e James Coleman, na década de 80, elevaram o status de capital social a um tópico específico de estudo, tentando entender como indivíduos inseridos em uma rede (network) de relações sociais podem se beneficiar de sua posição ou gerar externalidades positivas para outros agentes. Desde então, o conceito vem sofrendo diversas mutações ao sabor da aplicação específica à qual é utilizado.

No presente artigo utiliza-se a seguinte definição: capital social envolve o conjunto de recursos que um indivíduo ou grupo pode obter a partir de sua posição em uma rede de relações sociais estáveis.

Tais recursos podem ser identificados como bens de serviços, que suprem necessidades básicas das famílias, no âmbito da saúde, educação, saneamento, transporte, dentre outros: postos de saúde, escolas, comércios; linhas de ônibus, rede de esgotamento e saneamento básico, energia elétrica. Associações de bairros, igrejas, instituições filantrópicas e públicas estendem o capital social, compondo as redes de apoio, intermediando as relações da família junto à sociedade como um todo, e em especial ao poder público.

Também integra o capital social, recursos ligados ao lazer, como parques, clubes, ou espaços em que são permitidas às famílias desenvolver atividades ao ar livre, esportivas ou de descanso.

c) Projeto de vida x estratégia de sobrevivência

Projeto de vida é concebido como uma perspectiva de futuro que contempla a possibilidade de crescimento formativo e de acesso a um patamar de inserção na sociedade

superior ao atual, como combate à pobreza, conscientemente assumido e sistematicamente perseguido.

No pólo oposto ao projeto de vida situa-se uma postura identificada como “estratégia de sobrevivência”. A pessoa que elabora um projeto de vida visa melhorar as condições de saúde, de educação, de moradia e de trabalho para si ou para algum membro da família, superando a postura de perseguir estratégias de sobrevivência.

O processo de combate à pobreza inicia-se quando a pessoa formula um projeto de vida e se aplica em realizá-lo, objetivando melhorar suas condições de existência. Um projeto de vida tem mais probabilidade de ser formulado por uma pessoa nos casos em que a família dá suporte, estimula, acolhe e valoriza a pessoa. De maneira semelhante, supõe-se que as associações locais ou de origem externa à comunidade proporcionam meios de formação, suporte técnico e psicológico, possibilitando e contribuindo para revisar (ajustar) o projeto de vida em execução.

As estratégias de sobrevivência não estão presentes somente nas pessoas que desenvolvem atividades ocasionais voltadas para conseguir o mínimo indispensável para a sobrevivência momentânea, mas também nas pessoas que não mais saem de casa para procurar trabalho, como também as que engravidam precocemente e as que se envolvem com atividades criminosas, que, via de regra, reduzem as oportunidades de crescimento e até mesmo de sobrevivência. A hipótese que move a investigação é que são decisivos para a elaboração de projetos de vida e para a persistência no combate a pobreza.

d) Bens relacionais

Bens relacionais são os bens derivados dos laços de parentesco, de vizinhança e comum origem em alguma cidade do interior, e sustentados por vínculos afetivos, de solidariedade e de gratidão, que reforçam o apoio mútuo diante de situações adversas. (DONATI,1998; SARTI, 2003; CARVALHO, 2005; FONSECA, 2004). Nesse sentido, avalia-se o significado das relações familiares e da teia de relações que os pobres podem integrar graças à presença de associações e de programas governamentais na região, que direta ou indiretamente favoreçam a articulação de projetos de vida. A participação de associações, do bairro ou de origem externa, pode convergir para a concretização de projetos de promoção humana, realizando uma mediação entre os jovens, as famílias e o contexto sócio-cultural, em vista de uma integração social mais satisfatória.

e) Inclusão social

Avalia-se a inclusão social não apenas pelo incremento dos rendimentos mensais das famílias pobres, mas pela integração numa rede de relações significativas no cotidiano. A inclusão social é entendida como um dinamismo que integra dois eixos analíticos fundamentais: a) a inserção do pobre no mercado de trabalho para desempenhar uma **função** para a qual adquiriu os requisitos mínimos de habilidades através de formação educativa adequada e b) integração do sujeito numa rede de relações não definidas pela função, que envolve sempre uma parcialidade da existência pessoal, mas caracterizada pelo **reconhecimento** da pessoa **na sua totalidade**. Assim o sujeito passa a ser relevante para outro, em uma integração de caráter marcadamente subjetivo. (SEN, 2001; CASTELLS, 1989).

METODOLOGIA

O presente estudo caracteriza-se por ser descritivo-exploratório e utilizou estratégias combinadas de abordagens qualitativa e quantitativa. Teve como local instituição de educação infantil do Subúrbio Ferroviário de Salvador. Como instrumentos e técnicas de coleta de dados

foram utilizados: um roteiro de entrevista para as mães e um roteiro de entrevista para a direção, ambos elaborados pelos pesquisadores.

Foram participantes do estudo 20% das mães de crianças que freqüentavam uma instituição de educação infantil (Novos Alagados), totalizando 23 mães. Foi abordada ainda a diretora da instituição. Para o presente artigo foram escolhidos os resultados de duas mães: uma que apresenta projeto de vida, denominada, no estudo, dona Maria; outra que revela uma aproximação maior com o estilo de estratégia de sobrevivência e é aqui chamada de dona Clara.

A dona Maria tem 29 anos, cursou o ensino médio completo, não estuda atualmente, trabalha como educadora de creche (recebendo R\$385,00 mensais) por 40h/semanais. É também instrutora de capoeira (recebendo R\$300,00 mensais) por 10h/semanais. Moram na casa: ela, o companheiro e dois filhos (10 anos e outro de oito meses).

A dona Clara tem 22 anos, cursou até a 4a. série, não estuda atualmente, não trabalha, recebe Bolsa-família e uma cesta básica de curso de bordado que realiza e também R\$ 20,00 do pai dos filhos. Moram na casa: ela, uma filha (seis anos) e um filho (cinco anos).

Como procedimentos foi feita revisão da literatura sobre pobreza moderna e família, foram elaboradas as categorias de análise e os roteiros de pesquisa. Houve submissão e aprovação do projeto em comitê de ética. Foi realizado estudo piloto. Houve sorteio de 20% das crianças matriculadas, sendo suas respectivas mães convidadas a participarem do estudo; convite e assinatura do termo de consentimento; realização de entrevistas semi-estruturadas e gravadas; entrevistas com direção da instituição; transcrição das entrevistas e análise quantitativo-interpretativa.

RESULTADOS

Na infância das duas participantes foi comum a ausência do pai, a mãe fora de casa trabalhando e os filhos sozinhos. Porém, no caso da dona Maria, apesar das dificuldades, houve um relacionamento mais positivo com a mãe e uma presença maior dela.

Dona Maria afirmou:

Minha mãe foi meu pai [...] Mas eu sou louca por minha mãe. [...] Apanhava muito. Porque a gente ficava na rua, ela não queria a gente na rua. Aproveitava a saída pra ir brincar, ficar na maré, pescando. Então apanhei muito. Mas ela nunca teve um tempo assim pra sentar, botar a gente no colo, dar carinho. Eu sou o contrário, o que eu não tive. O meu filho mais velho tem o quarto todo equipado, televisão, videogame, brinquedo. Tudo que eu não tive meu filho tem. Ela me formou a pessoa que eu sou, e agradeço a personalidade que eu tenho. Eu sou muito fã de minha mãe.

Dona Clara expressa as dificuldades na infância, particularmente a solidão:

Foi ruim. Eu não tive ninguém pra me ajudar nas coisas, pra me dar conselho nem pra nada. Meu pai bebia muito, aí minha mãe pegou, veio embora, trouxe a gente. Aí a gente morava num barraco, ela ia trabalhar e deixava eu e minhas irmãs lá, sozinhas. Aí depois minhas duas irmãs foram morar na casa de minha tia e eu fiquei em casa lá, sozinha. Ela ia trabalhar, levava mês no trabalho, e eu só cá, em casa. Sozinha. Dormia no trabalho. Tinha oito anos. Eu mesma fazia comida no fogareiro.

A adolescência de dona Maria foi marcada pela necessidade de amadurecer mais cedo, de iniciar a trabalhar precocemente, porém, acompanhada pela mãe:

A fase pior que você vai chegando, a adolescência, você tem que cair na real, passar a trabalhar, não por mim. Eu mesmo criei minha independência. Já é de natureza mesmo. Foi sete anos, que tinha que ajudar minha mãe a entregar roupa, eu já andava a cidade de Salvador toda. Ajudava ela a lavar roupa, passar e entregar a roupa. Eu não pagava transporte, era novinha. Comecei praticamente a ser madura aos sete anos, minha mãe me ensinou e me incentivou a ser madura aos sete anos [...] a minha adolescência tinha que servir pros meus dois irmãos. Era mais cobrada.

Dona Clara apresentou, nessa fase da adolescência, um maior descompromisso e trabalho sem a companhia da mãe ou de outro adulto que a acompanhasse:

Eu era muito pra brincadeira. Não escutava conselho, não ligava pra nada, só pra festa mesmo. Minha mãe saía, ia pra casa dos meus irmãos, ia trabalhar, e eu ficava lá. Ficava sozinha. Não estudava, não fazia nada. Só ia pra festa, namorava, brigava. Ficava lá. De vez em quando trabalhava pros outros, em troca de comida, essas coisa assim. Eu lavava roupa pra ganhar dinheiro pra comprar roupa pra mim.

Sobre o que pretende transmitir aos filhos do que aprendeu com a família de origem, dona Maria revela o valor pelo estudo:

A educação vem em primeiro lugar. Tem que estudar. Hoje em dia quem não estuda não é mais nada. O que eu passo pro meu filho mais velho é que ele tem que estudar. Enquanto eu puder dar o melhor pra ele, ele vai ter. Sempre ser você, nunca tentar ser outra pessoa que não é.

Já dona Clara manifesta desejar transmitir aos filhos poucos elementos aprendidos com a família de origem:

Eu aprendi bem pouco com a minha família, viu! Eu saí de casa logo cedo. A não tocar em nada dos outros, respeitar os mais velhos, foi as coisas assim que eu aprendi com a minha família. Com a minha mãe, né. Porque meu pai largou a gente logo cedo. Então não aprendi nada disso com ele. Com minha mãe aprendi a não pegar nada de ninguém, respeitar os outros.

Quando indagada sobre o que não pretende transmitir aos filhos do que aprendeu com a família de origem, dona Maria enfatiza questões sobre afetividade:

Particularmente eu deixo meu filho muito à vontade. Pretendo dar mais carinho. Chego dou carinho, dou um beijo... Minha mãe é toda agreste. É rígida.

Já dona Clara destaca a questão da solidão:

Deixar ela só em casa, brigar com o pai na frente dela. Não deixar eles só.

Na questão “Diante de situação problemática, quem procuraria para ajudá-la?” fica evidente que dona Maria tem com quem contar nos momentos difíceis:

No caso acho que minha própria mãe.

Porém, dona Clara afirma não ter a quem recorrer:

Eu não procuro ninguém. Porque eu estou com um problema grave, mas não tem a quem recorrer. Eu estou procurando ajuda assim, na rua. Com assistente social, com advogado. Mas uma pessoa mesmo assim pra recorrer...

Sobre perspectivas para o futuro, dona Maria revela desejar elementos pelos quais já tem dado passos concretos para atingir:

Alcançar todos os meus objetivos, chegar lá, que eu vou chegar. Aumentar minha cozinha, já consegui muita coisa esse ano.[...] Tem banheiro no quarto, suíte, o quarto do meu filho está todo mobiliado já... A casa toda rebocada. Melhorou muita coisa, quero melhorar mais. Fazer a cozinha dos meus sonhos, o ano que vem é esse o plano. Já botei, tem janela... Melhorar e quero chegar à faculdade. Não vou desistir.

Já dona Clara revela ter muitos desejos mas poucas estratégias para alcançá-los:

Eu penso em melhorar bastante. Penso em trabalhar, ter uma casa própria, minha mesmo. Pra evitar confusão com o dono da casa que eu moro. E poder dar uma vida boa pros meninos. Que eu não tive. Eu queria dar... Queria, não, que eu já dou tudo que eu posso, assim. Dou tudo que posso pra eles. Queria poder fazer alguma coisa pros meus filhos, pra depois não ter o mesmo futuro que eu tive, principalmente a menina, que é mulher.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As participantes revelaram ter tido uma infância com dificuldades econômicas importantes, com a figura paterna ausente. Uma diferença foi encontrada na que teve uma mãe considerada adequada e aquela que não a teve, e nem mesmo encontrou alguém que desempenhasse o papel materno (avós, tias, madrinhas), revelando, esta última, um certo ressentimento ou mesmo tristeza. Houve a queixa de terem ficado sós ou apenas na companhia dos irmãos durante a infância, pois as mães saíam para trabalhar e por vezes não tinham com quem deixar os filhos (por exemplo, creches).

Como perspectivas para o futuro, a melhora na moradia parece já ter sido alcançada por uma delas devido às intervenções locais de origens governamentais e não-governamentais. A mãe que apresenta projeto de vida identifica o estudo como possibilidade de emprego melhor, já a que possui estratégia de sobrevivência, quer ter uma vida melhor mas não tem clareza sobre os passos que deve dar para atingir seu objetivo.

REFERÊNCIAS

BECKER, G. S. **Investment in Human Capital: a theoretical analysis.** The Journal of Political Economy, 70 (5), supplement, 1962, p. 9-49.

_____ **Human Capital: a theoretical and empirical analysis, with special reference to education.** NBER, New York, 1964.

_____ **Human Capital.** Columbia University Press, new York, 1975.

CASPAR, P. e AFRIAT, C. **L'investissement intellectuel:essai sur l'économie immateriel.** Econômica, Paris, 1989.

GORI, E. L'Istruzione e investimento in capitale umano. In: **Capitale Umano: la ricchezza dell'Europa.** Op. cit. p. 71-101.

LOVAGLIO, P. **Investimento in capitale umano e disuguaglianze sociali.** In: Vittadini org., op. cit. p. 147-167.

LOVAGLIO, P. G.; COSTA, M. A Method for the estimation of the Distribution of Human capital from Sample Survey os Income and Wealth. In: **American Statistical Association. Business and Economics Statistics Section,** San Francisco, August, 3-7, 2003, in JSM Section Proceedings on CD-Rom, 2003.

MARSHALL, A. **Principi di economia.** UTET, Torino, 1953, p. 57-58.

MINCER, E. J. **Studies in Human Capital.** Brookfeld, Aldershot, 1993.

SCHULTZ, T. W. **Investment in Human Capital.** American Economic Review, LI, (1), 1961, p. 1-17.

_____ **Investment in Human Capital: the role of education and of research.** Free Press, New York, 1971.

SCIFO, G. **Dibattito sul Capitale Umano.** Fondazione Agnelli, Torino, 1975.

SMITH, A. **Ricerche sopra la natura e le cause della ricchezza delle nazioni.** UTET, Torino, 1948, p. 93.

VITTADINI, G. (org.). **Capitale Umano: la ricchezza dell'Europa.** Guerini e Associati, Milano, 2004.

VITTADINI, G.; DAGUM, C; LOVAGLIO, P. G.; COSTA, M. A Method for the estimation of the Distribution of Human capital from Sample Survey os Income and Wealth. In: **American Statistical Association. Business and Economics Statistics Section,** San Francisco, August, 3-7, 2003, in JSM Section Proceedings on CD-Rom, 2003.